

— E se ele chegasse quando você estava ao léu, nua, feito uma louca?

— Suponho que morreria de medo — e fugiria na disparada.

Clifford, já subjugado, continuava a encará-la. No fundo nem sabia o que pensar: O choque fora muito grande para que ele pudesse ter idéias claras. Limitou-se a aceitar o que ela dizia, sem pedir nada. E admirava-a. Não podia deixar de admirá-la. Constance pareceu-lhe mais bela do que nunca — dessa beleza que o amor dá.

— Em todo o caso, concluiu ele já em outro tom, será sorte que não se resfrie.

— Oh! Não há perigo nenhum. Sossegue.

Disse-o pensando nas palavras do outro: “Você tem a mais bela anca do mundo!” Ah! Se ela pudesse dizer a Clifford o que ouvira durante a tempestade! Mas limitou-se a assumir uma atitude de rainha ofendida e a retirar-se para o quarto.

Nessa noite Clifford fez esforço para parecer amável. Estava a ler um livro novo sobre a religião científica. Havia nele uma veia de religiosidade insincera, mas Clifford interessava-se pela vida futura do seu próprio eu. Suas leituras eram como os seus debates literários com Constance, depois que passaram a conversar artificialmente, quase que quimicamente. Tinha de preparar quimicamente as idéias na cabeça antes de expô-las.

— Que pensa disto? indagou ele abrindo a brochura. Você não teria necessidade de refrescar na chuva o ardor do corpo se estivéssemos com alguns milênios de evolução a mais. Ah, eis aqui: “O universo nos mostra dois aspectos: desgaste físico dum lado e ascensão espiritual de outro.”

Constance esperou pelo resto, mas Clifford deteve-se ali. Ela o encarou surpreendida.

— Mas se o homem ascende espiritualmente, que deixa embaixo, lá onde era outrora a cauda?

— Espere. Procure compreender o pensamento do autor. “Ascender, subir” é para o autor o contrário de “desgastar.”

— De ficar fisicamente extinto, não é?

— Falando sério, que pensa disto?

Constance encarou-o de novo.

— Gastar-se fisicamente? Você está engordando, Sir Clifford, e eu não me gasto. Supõe que o sol seja hoje menor do que já foi? Para mim, não. E imagino que a maçã que Adão ofereceu a Eva não era maior que as nossas maçãs de hoje. Que pensa disto?

— Está bem, mas escute o resto: “Com lentidão extrema e inapreciável para nós, o universo passa a novas condições criadoras, entre as quais o mundo físico como o conhecemos será representado por uma leve onda que quase se confunde com o nada.”

Constance ouviu com ar divertido, louca por dizer toda a sorte de inconveniências. Mas conteve-se.

— Que estúpido malabarismo, Clifford! Como se a pobre conscienciazinha desse homem pudesse conceber o que se passa com tamanha lentidão! Todo esse palavrório significa apenas que esse autor faliu fisicamente — e para compensação quer que o universo venha a falir também. Pedantismo, nada mais.

— Oh! Mas ouça! Não interrompa o pensamento dum grande homem: “A ordem atual do mundo nasceu num passado inimaginável e terá fim num futuro igualmente inimaginável. Resta-nos o reino inesgotável das formas abstratas e a força criadora com mutações sempre determinadas pelas suas próprias criações — e Deus, de cuja sabedoria dependem todas as diversas ordens.” Eis a conclusão.

Constance ressumava desprezo.

— Espiritualmente extinto também, disse ela. Quanto absurdo! Essas coisas inimagináveis, essas ordens, esse reino de formas abstratas, essa força criadora com suas mutações e Deus no meio... Como tudo é idiota!

— Admito que é uma aglomeração um tanto vaga, disse Clifford, uma espécie de mistura de gases. Não obstante, acho boa a idéia de que o universo está em vias de gastar-se fisicamente e de elevar-se espiritualmente.

— Acha-o de verdade? Pois que se eleve espiritualmente, contanto que me deixe fisicamente sã aqui embaixo.

— Tem amor pelo “eu” físico?

— Adoro-o! respondeu Constance, com as palavras do guarda a lhe cantarem na cabeça: “É a mais bela anca de mulher que vi em minha vida.”